

Corredores 'verdes' devem cobrir 20% do País

Projeto do Ibama busca preservação da biodiversidade em sete grandes áreas do País.

LIANA JOHN

A famosa e exuberante biodiversidade brasileira não será de fato preservada, a longo prazo, com os parques e reservas legalmente estabelecidos. Nem mesmo se todos passarem do papel para a realidade. Isso porque ainda faltam conexões físicas entre essas áreas protegidas para assegurar o trânsito de espécies e, conseqüentemente, a diversidade genética e a capacidade da flora e fauna sobreviverem a mudanças climáticas. Para tornar viáveis essas conexões, o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e uma equipe de consultores está acertando os detalhes finais dos Corredores Ecológicos das Florestas Neotropicais do Brasil.

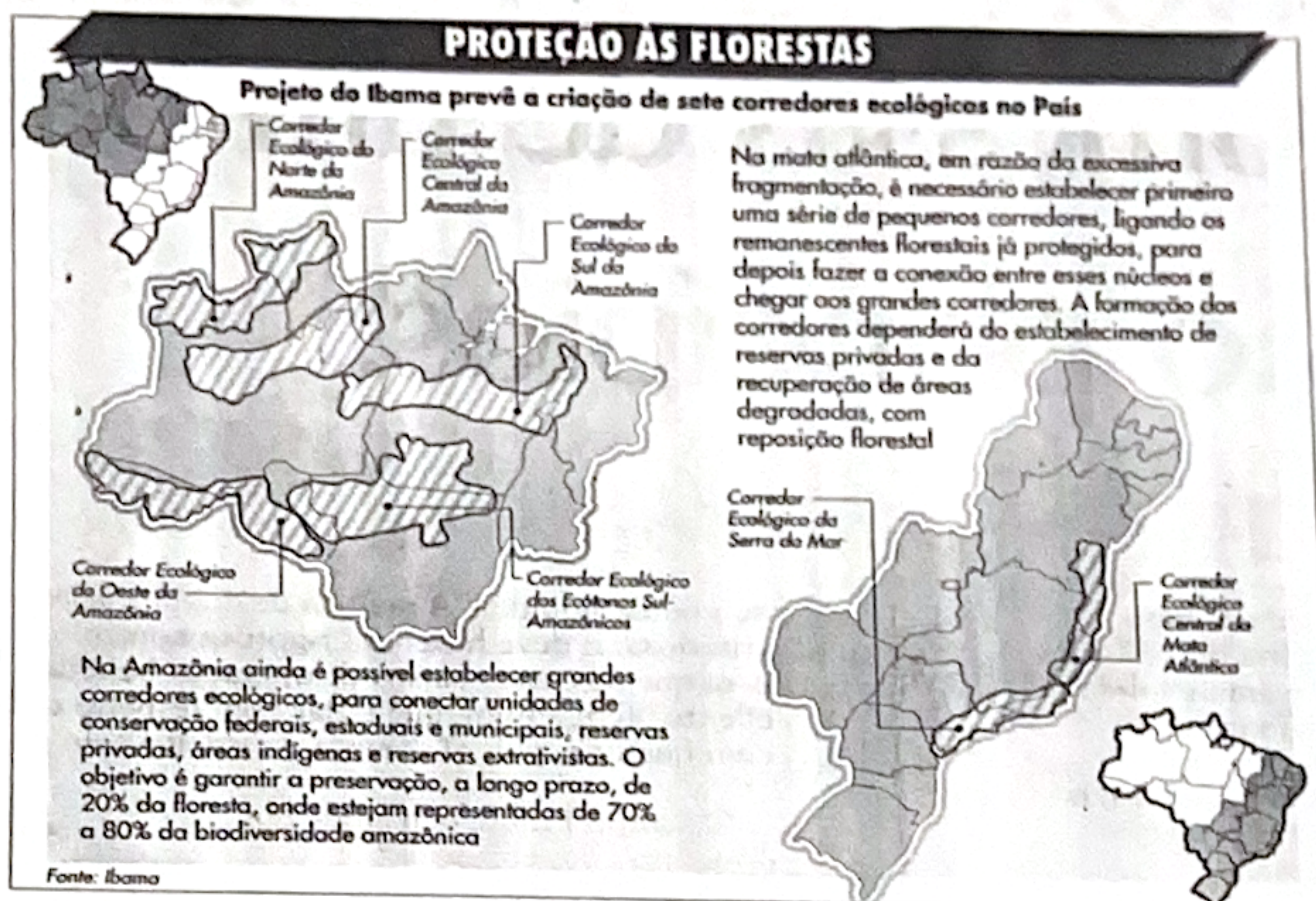
O projeto será entregue aos financiadores no fim de fevereiro, para apreciação em março. Já estão previstos cerca de US\$ 40 milhões, do Banco Mundial e do banco alemão KfW, para aplicação em cinco anos, com uma contrapartida do governo brasileiro de outros US\$ 4 milhões a US\$ 5 milhões. Os corredores ecológicos integram o Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais Brasileiras, o PP-G7.

"Os corredores não são um novo tipo de unidade de conservação e não implicarão em mudanças na legislação", explica Gilberto Sales, do Ibama. "São uma forma inovadora de gestão, por meio de conselhos e articulações interinstitucionais, para buscar uma unidade entre parques e reservas federais, estaduais, municipais, privadas e áreas indígenas."

Sales reconhece ter diante de si uma tarefa gigantesca, mas espera contar com a parceria de prefeituras, órgãos de Estado e organizações não-governamentais, dando a eles assento e corresponsabilidade nos conselhos de gestão.

Resposta - Os corredores ecológicos foram desenhados para proteger de 70% a 80% da biodiversidade das florestas tropicais brasileiras, numa área correspondente a 20% do território nacional. São sete grandes corredores: cinco na Amazônia e dois na mata atlântica. Os corredores centrais de cada floresta funcionarão como piloto. "Não é uma meta ambiciosa demais e atinge um número significativo de espécies", argumenta Gustavo Fonseca, da Conservation International, consultor do projeto.

"Mesmo antes de o projeto ser instituído, estamos obtendo respostas positivas", acrescenta Fonseca. Segundo ele, o Parque Estadual de Amanã, o maior do Brasil, foi criado pelo governo do Amazonas em cima do primeiro corredor da Amazônia, concorrendo para a conexão entre áreas federais e indígenas. No



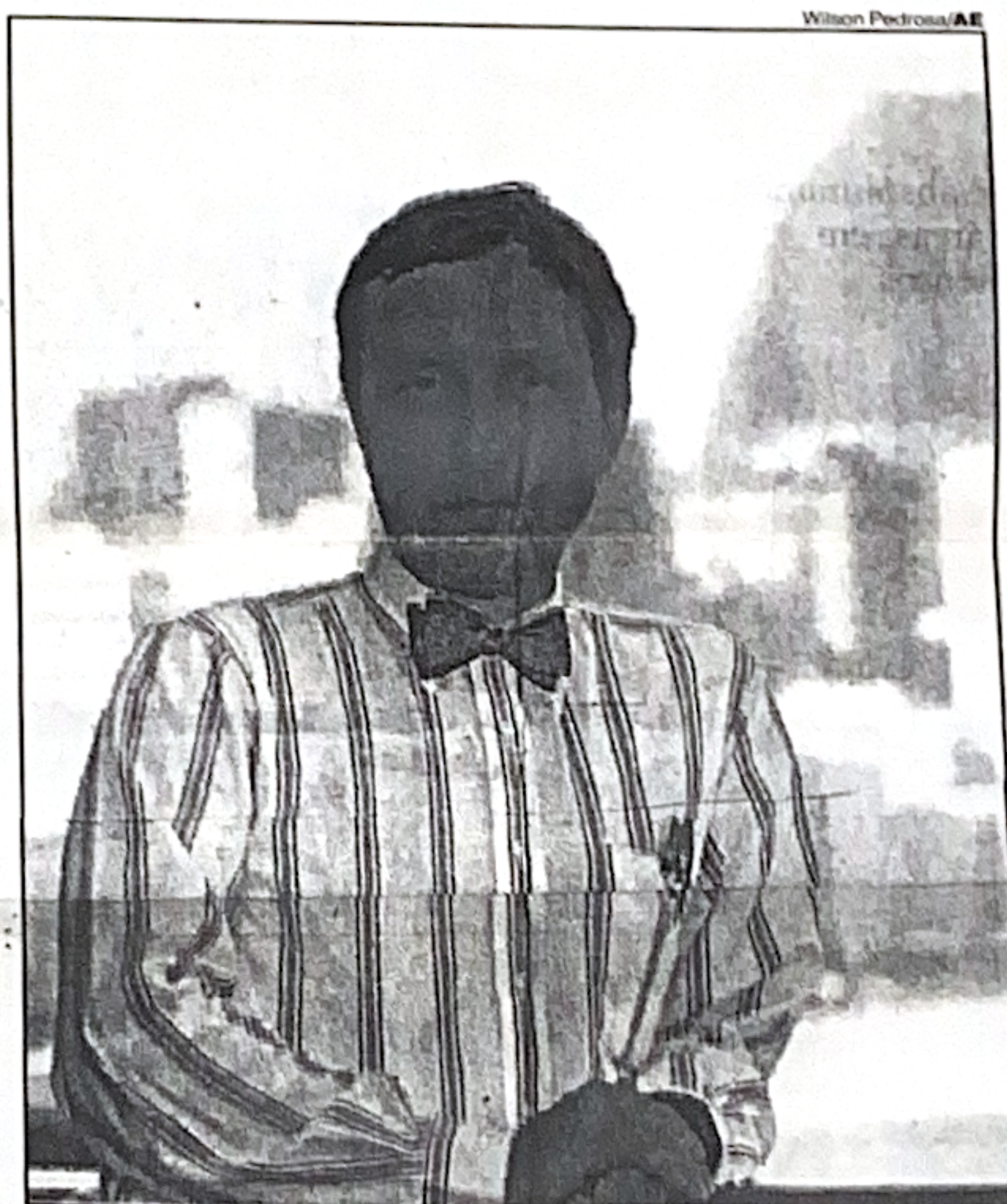
Corredor Central da Mata Atlântica já se discute o destino da Reserva de Linhares, da Vale do Rio Doce, após a privatização. A área de Linhares é contígua à do Parque de Soreta. Juntas, formam a maior mancha de mata atlântica preservada do Espírito Santo.

Na Amazônia, os corredores abrangem grandes extensões, no sentido leste-oeste, e incluem as áreas de endemismo. Nas áreas de endemismo vive um grande número de espécies endêmicas, que estão mais sujeitas a desaparecer porque só existem naquele local.

Na mata atlântica, a preocupação é tornar viável a união dos remanescentes com algum grau de continuidade e com a perspectiva de recuperar áreas degradadas ou contar com reservas particulares. Os grandes corredores da mata atlântica comportam blocos menores, nos quais a conexão entre áreas protegidas seria mais imediata.

Risco - Quando uma floresta é ilhada, mesmo que a área seja grande, reduz-se a quantidade de ambientes disponíveis para a sobrevivência de longo prazo das espécies. Quanto menor e mais isolado é o fragmento, mais se reduz a biodiversidade, isto é, a quantidade de espécies animais e vegetais e ecossistemas relacionados.

A fragmentação excessiva e a conseqüente transformação de uma floresta contínua em várias "ilhas" de mata reduz também a possibilidade de troca genética entre as populações de animais, ou a diversidade genética. Nas "ilhas", a reprodução dos animais dá-se entre parentes próximos, resultando numa alta taxa de consangüinidade. Com isso, a espécie fica mais suscetível a alterações ambientais ou doenças e mais ameaçada de extinção.



Lovejoy: 'São cruciais para manter o ciclo hidrológico da Amazônia'

Prioridades dividem pesquisadores

Ambientalistas e pesquisadores são unânimes em destacar a importância dos corredores ecológicos. Mas divergem quanto às prioridades:

Cláudio Pádua, Universidade de Brasília: "Os corredores são importantíssimos, mas de difícil execução. Sobretudo na mata atlântica, onde a fragmentação é muito grande. As populações ilhadas sofrem com a consangüinidade excessiva e os corredores são fundamentais para o cruzamento genético dessas populações."

Tom Lovejoy, Smithsonian Institution: "São importantes para proteger a biodiversidade a longo prazo, sobretudo face às mudanças climáticas. Também são cruciais para manter o ciclo hidrológico da

Amazônia. Porém há dificuldades: os corredores de conservação cruzam com os de desenvolvimento, demonstrando que as autoridades de cada área ainda não conversam entre si. O Brasil também tem problemas com manejo, mas pode superá-los, se os corredores forem realmente uma prioridade."

Mário Mantovani, SOS Mata Atlântica: "Não descarto a importância dos corredores, mas temo que todos os esforços e recursos sejam direcionados para as duas áreas escolhidas, onde estão só 3% dos 8% remanescentes da mata atlântica. As conexões têm mais chance de ocorrer nessas áreas, mas, justamente por isso, a prioridade deveria estar nas regiões excluídas." (L.J.)